

CADERNOS DA «SEARA NOVA»

ESTUDOS HISTÓRICOS E ECONÓMICOS

Terçanabal  
e a “Escola de Sagres”

Comunicação apresentada, em 4 de Outubro de 1944  
ao *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso  
das Ciências* em Córdova.

POR

FRANCISCO FERNANDES LOPES

LISBOA  
«SEARA NOVA»  
1945

TERÇANABAL  
E A «ESCOLA DE SAGRES»

ALGUMAS OUTRAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR:

- DROGAS E FARMACOPÉA (tese inaugural de Medicina), Lisboa, 1916.
- SÔBRE O POETA JOÃO LÚCIO (conferência), Faro, 1921.
- LES CONCERTS HISTORIQUES DU «RENASCIMENTO MUSICAL» (in *La Revue Musicale*, Novembre 1924), Paris.
- LA VIE MUSICALE À LISBONNE (in *La Revue Musicale*, Mai 1925 e Février 1926), Paris.
- LES DEUX DERNIÈRES SAISONS MUSICALES (in *La Revue Musicale*, Novembre 1927), Paris.
- MÚSICA LATINA E MÚSICA PORTUGUESA (in *De Música*, n.º 3), Lisboa, 1930.
- ESCALAS DIATÓNICAS (in *De Música*, n.º 4), Lisboa, 1931.
- CONCÉRTO AUSTRIACO (in *Divulgação Musical*, de Ema Fonseca, vol. II), Lisboa, 1934.
- REVISÃO COLOMBINA (série de 14 artigos, in *O Diabo*), Lisboa, 1935 a 1937.
- MÚSICA DE CÂMARA DE FLORENT SCHMITT (in *Divulgação Musical*, vol. III), Lisboa, 1936.
- CRISTÓFORO COLOMBO E CRISTÓBAL COLÓN (in *Seara Nova*, n.º 468), Lisboa, 1936.
- CRISTÓBAL COLÓN (in *Seara Nova*, n.º 473), Lisboa, 1936.
- DO «MARAVILHOSO PAGÃO» EM GIL VICENTE (in *Seara Nova*, n.º 494), Lisboa, 1937.
- NOVA CHAVE PARA O «VERSO ENIGMA» DE GIL VICENTE (in *Seara Nova*, n.º 517), Lisboa, 1937.

- QUATRO ILHAS DOS AÇÓRES: S. LUÍS, S. DINIS, S. TOMÁS, SANTA IRIA (in *Petrus Nonius*, vol. I, fasc. 3), Lisboa, 1937.
- DUARTE PACHECO E O OCEANO PACÍFICO (in *Petrus Nonius*, vol. II, fasc. 1), Lisboa, 1938.
- EM FAVOR DO PLANO HENRIQUINO DAS ÍNDIAS (breve nota preliminar, ao 1.º Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo), Lisboa, 1938.
- NOVA HISTÓRIA DO PRIMEIRO DESCOBRIMENTO COLOMBINO (série de 7 artigos, in *Seara Nova*, n.ºs 542 a 576), Lisboa, 1938.
- A MELODIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA: MIGOT, DUREY, RAVEL (in *Divulgação Musical*, vol. IV), Lisboa, 1938.
- COLABORAÇÃO PORTUGUESA NO DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA NÃO-BRASILEIRA (in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol. II), Lisboa, 1939.
- A MÚSICA NOS AUTOS DE GIL VICENTE (in *Divulgação Musical*, vol. V), Lisboa, 1940.
- COLOMBO [Bartolomeu, Cristóvão, Diogo, Fernando, Giacomo] (in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. VII), Lisboa, 1941.
- O ALGARVE E O INFANTE D. HENRIQUE (in *Boletim da Junta de Província do Algarve*, número comemorativo dos Centenários), Lisboa, 1943.
- DO GERMANISMO EM ANTERO (in *Atlântico*, n.º 4), Lisboa, 1943.
- FADO [história musical] (in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. X), Lisboa, 1944.
- NOVO SISTEMA DE TRANSLITERAÇÃO ARÁBICO-LATINA (comunicação ao Congresso Luso-Espanhol do Porto, 1942), Porto, 1945.
- A MÚSICA DAS CANTIGAS DE SANTA MARIA E O PROBLEMA DA SUA DECIFRAÇÃO [comunicação ao Congresso Luso-Espanhol de Córdoba, 1944] (in *Brotéria*, Janeiro, 1945), Lisboa.

CADERNOS DA «SEARA NOVA»  
ESTUDOS HISTÓRICOS E ECONÓMICOS

Terçanabal  
e a “Escola de Sagres”

Comunicação apresentada, em 4 de Outubro de 1944  
ao *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso  
das Ciências* em Córdova.

POR

FRANCISCO FERNANDES LOPES

LISBOA  
«SEARA NOVA»  
1945

Falecido o inclito Infante D. Henrique, em 13 de Novembro de 1460 como é sabido, «aquela honrada vila» que mandara fazer «ao cabo de S. Vicente», à qual pusera o nome de *Vila do Infante* e aonde nos derradeiros meses da sua vida se recolhera—verdadeiro solitário de Sagres—, não só estacionara na sua construção, começada haveria uns quinze anos, mas, pelo abandono a que foi sendo votada, se foram arruinando os poucos edificios que já lá se erguiam... Ficaram, por certo, as muralhas «que eram de boa fortaleza», como diz Zurara; embora no que hoje lá se vê, reconstruído ou ampliado, apenas a base da tôrre que actualmente serve de cavaleiro tenha sobrevivido às várias causas de destruição.

Entre os restos ou vestígios de alicerces ou paredes dispersas, sôbre o Promontório de Sagres, pelo interior da fortaleza, nada, a não ser uma construção pequena, ermida ou igreja, de tipo romano-gótico simples, denunciaria ligação com a actividade do Infante; mas não é impossível, ma-

nifestamente, que, reconstruída em parte, lhe tivesse servido de habitação ali a modesta casa a que a tradição se ligou.

De *Observatório astronómico*, de *Palácio* propriamente, de edificio de *Escola Náutica*, de *Tercena Naval*, — nada subsistia já, há um século, em 1840, quando o Comandante Possollo fôra encarregado de dirigir a colocação da lápide — (que lá está por cima da porta interior do túnel de entrada) — destinada a «consagrar à eternidade» aquêles lugares em que, como se acreditava então e na mesma lápide se encontra inscrito, o Infante fundara, à sua custa: o palácio da sua residência, a famosa escola de cosmografia, o observatório astronómico e as oficinas de construção naval, — enfim o quarteto fantasmagórico relacionado com a sua actividade de «primeiro inventor» das navegações «para o meio-dia das terras dos Negros da Baixa Etiópia», no conhecido dizer de Cadamosto.

Em Sagres, subsiste, é verdade, uma enigmática, quasi imperceptível grande roda, com os raios formados por pedras dispostas em linha interrompida a partir de uma pedra central, pedras quasi rentes ao chão, no terreiro, à esquerda de quem entra na fortaleza; e nisso se tem querido ver uma enorme *rosa dos ventos*, com os seus 32 raios... Porém não só os ângulos ao centro são desiguais, como absurdo seria, para o ensino prático ter usado de uma tão monstruosa e defeituosa figuração, quando a rosa dos ventos se poderia desenhar nitidamente em qualquer parte onde

fôsse visível, para a aprendizagem colectiva ou individual dos marinheiros. Esta descoberta da pretensa «rosa dos ventos» terá menos de um século; o Comandante Possollo não a assinalou, em todo o caso, entre os restos de edificios ou outros vestígios que fôra encarregado de pesquisar e que mencionou no seu notável relatório.

Não foi, de resto, sobre a base desta ignorada «rosa dos ventos» que se architectou a existência da famosa *Academia* ou *Escola* de Sagres.

Como se formou pois a lenda?

Morrera o Infante, e seguiram-se os relatos dos servidores — como Diogo Gomes — e dos cronistas, com João de Barros à testa. Zurara escrevera ainda em vida do Infante; e, se retocou a sua *Crónica de Guiné* depois de êle morto, não fala, todavia, mais que da vila em construção e da coíça que despertava nos estrangeiros, e do que se dizia «segundo o comum entender», nada referindo quanto a escola náutica, observatório, palácio ou terciena... Diogo Gomes igualmente é mudo. Duarte Pacheco no seu *ESMERALDO*, meio-século depois de falecido o Infante, é equívoco, manifestamente, com a simples menção da «sua vila de Terça Naval situada sobre angra de Sagres, que hoje em dia ali está fundada».

Com João de Barros, em 1552, na *Primeira Década da Ásia* é que se insinua a base da fantasmagoria, ao falar da «vila que novamente fundara no reino do Algarve, na Angra de Sagres, a

que pôs nome Terçánabal e ora se chama a Vila do Infante». Barros estaria bem longe da idéa de qualquer *escola náutica* com carácter científico, porquanto, acentuando as deligências que o Infante fazia para ter informação das terras que visava, não só refere que o julgavam «exortado por oráculo divino», mas éle próprio se inclina a julgar que a emprêsa dos descobrimentos «mais lhe fôra revelada que por éle movida».

Na sua *Crónica do Príncipe D. João* (1.<sup>a</sup> ed. 1567), um século portanto depois de falecido o Infante, é Damião de Góis, quem, segundo parece, reagindo decididamente contra a corrente que considerava o Infante inspirado por divina revelação (e na qual enfileirara Pacheco e também Barros), fornece, no seu racionalismo humanista, apoio decisivo à fantasmagoria: «E porque além de éle ser mui arriscado cavaleiro era mui dado ao estudo das letras, principalmente da Astrologia e Cosmografia, para melhor exercitar tão virtuosas artes, depois que tornou do cerco de Seuta, escolheu sua morada e residência em uma parte do Algarve, no Cabo de S. Vicente (...), em o qual sitio de Sacres fundou o Infante uma Vila de novo, a que pôs nome Terça Nabal, a que também chamam a Vila do Infante, e dali determinou de mandar navios ao longo da Costa de A'frica com tenção de chegar ao fim de seus pensamentos que era descobrir destas partes occidentais a navegação para a Índia Oriental, a qual sabia por certo que fôra já em outros tempos achada».

Além da teorização attribuindo ao Infante «o plano das Índias» — questão controversa ainda fortemente —, tornava-se assim Góis o lógico inventor de um Infante ultrapassando em sabedoria científica as proporções que na realidade terá tido a sua figura de propulsor, mais ou menos bem informado, — outra questão rijamente debatida ainda; e daqui derivava já, pelo mesmo pendor lógico, a necessidade de admitir, na vila que fundara em Sagres, além do natural *palácio*, a *escola náutica*, o *observatório astronómico* e... a *tercena naval*! Sobretudo: não seria, esta, indubitável, ali, — tanto que, precisamente, caracterizara a Vila, *Terça Nabal* chamada pelo Infante? Se mesmo o resto poderia ser suposição, o nome *Terça Nabal*, eloqüentíssimo, é que implicava um facto... E, um século depois, a filologia do ilustre e sabedor D. Francisco Manuel de Melo completaria a obra...

Efectivamente, em 1660, numa das suas célebres «Epanáforas», D. Francisco Manuel, attribuindo ao Infante largos estudos de matemáticas e cosmografia, e copiosa informação, recolhida em A'frica, de judeus e moiros, acêrca das remotas terras orientais e das suas costas e mares, segue dócilmente Góis quanto ao estabelecimento do Infante no Algarve «para melhor executar seus propósitos», refinando de precisão com o dizer que «em a Angra de Sagres (...) fundou uma vila, em ordem à sua assistência e maior cómodo das navegações que intentava: à qual deu por nome *Terça*

*Nabal*, quasi Nabal Tercena; denotando o exercicio para que a havia levantado». E, desentranhando-se em filológicas aproximações entre *Darsena* e *Arsenal* dos venezianos, *Ataraçana* dos espanhóis, e a nossa *Tercena* ou *Taraçana* e em etimologias pérsicas e hebraicas, a fim de «que se veja com quanta erudição aquêlê sábio Príncipe pôs o nome à sua vila: *Terçana Nabal* ou *Terça Nabal*», «que depois, em mais portuguez e grato modo, foi dita: *Vila do Infante*», terminava, como Góis, dizendo que dali começara D. Henrique novas conquistas e descobrimentos...

Um século depois, a lenda aparece-nos definitivamente entronizada com a panegirica «Vida do Infante D. Henrique, escrita e dedicada à Magestade Fidelíssima de El-Rey D. Joseph 1.<sup>o</sup> N. S.», pelo arcádico *Cândido Lusitano* (Francisco José Freire)— (Lisboa, 1758). ; Que admiração, portanto, que no preâmbulo da lei de 7 de Março de 1761 que estabeleceu o Colégio Real dos Nobres se dissesse que «por efeito dos estudos e da companhia que o memorável Infante D. Henrique estabeleceu e fundou na vila de Sagres e na cidade de Lagos, para a Astronomia, Geografia, Navegação e Comércio marítimo» é que se haviam formado «os muitos Sábios, e famosos Varões» que nos reinados subseqüentes haviam dilatado, com seus illustres feitos, os domínios da Coroa! ; E que admiração, finalmente, que não só o sisudo nacionalista fervoroso, o poeta António Ribeiro dos Santos, exaltasse em verso o *Terçanabal* e asse-

verasse em prosa, a respeito dos trabalhos científicos do Infante em Sagres: «Ali erigiu um *Observatório Astronómico*, o primeiro que tivemos: chamou a si muitos homens sábios, capitães animosos, pilotos experimentados, e mestres de navegação, convidando-lhe sua fama estrangeiros illustres de quasi tôdas as nações da Europa que vieram oferecer-se em seu serviço: fêz com êles o seu Paço uma escola de estudos e applicações matemáticas, e um Seminário de geógrafos, de astrónomos e de náuticos», etc.,—mas que o ponderado Cardeal Saraiva, no primeiro têtço do século XIX, ainda fôsse levado a falar desta maneira: «Não se pode duvidar, que para o rápido e progressivo aumento, que a marinha portuguesa tinha já adquirido por todo êste século (XV), concorresse mui poderosamente a *Escola de Sagres*, fundada pelo Infante D. Henrique, e a ardente paixão, que êste grande Príncipe mostrava, tanto pelo adiantamento das ciências matemáticas, cosmográficas e náuticas, como pelos descobrimentos marítimos, que começou e continuou por tôda a sua vida com a perseverança mais heróica, e com os efeitos que todo o mundo sabe e admira. Nesta Escola se inventavam, fabricavam e aperfeiçoavam os instrumentos náuticos necessários à navegação. Ali se faziam, e ensinavam a fazer observações astronómicas para regular e rectificar o curso dos navios, e para verificar pelo cálculo das latitudes e longitudes as paragens em que se achavam e os rumos que deviam seguir. Ali se projectaram as

primeiras Cartas hidrográficas (...). Dali saíram os hábeis cosmógrafos que em tempo de D. João II aperfeiçoaram o astrolábio e fizeram tabuadas para se navegar pela altura do sol. Ali enfim se trabalhava incessantemente nos estudos da arquitectura naval, e em melhorar e aperfeiçoar a construção e a manobra dos navios (...)!»

Em 1871 ainda a lenda imperava, como se pode ver pelo que se encontra na *História dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos de Portugal*, de José Silvestre Ribeiro, quando trata da *Academia de Sagres* a que consagra um substancial capítulo... Ribeiro, reincide ainda na versão, oriunda de Barros, como vimos, de que «a vila teve primeiramente a denominação de *Tersanabal*, ou *Tercena Naval*: recebeu depois o nome de *Vila do Infante*, e ultimamente o de *Sagres*»; e acreditando a divagação filológica de D. Francisco Manuel quanto à origem do nome *Terçanabal*, acaba por reeditar a conclusão do ilustre gongórico: «Em todo caso, o nome que primeiramente se deu àquela povoação revela a ilustração do espírito do fundador, e indica desde logo os intentos de quem a edificava». «Teve depois a denominação vulgar de *Vila do Infante*, como era natural, visto ser criação e feitura do Infante D. Henrique, denominação com que os portugueses lisongeavam delicadamente o ilustre fundador, ou que êle próprio dava à sua povoação». Ribeiro combinava assim o que lera e citava de Zurara — («E pero que à dita vila chamassem alguns ou-

tros nomes, eu creio que o seu próprio, segundo a tenção daquele que a mandou fazer, era que se chamasse a *Vila do Infante*, que êle mesmo assim a nomeava em suas palavras e escritos») — com o que aprendera em Barros e Góis...

E todavia... Góis, como guarda-mor da Torre do Tombo, não deixara talvez de ter conhecimento de certo documento fundamental... — documento que o sério historiador Fr. Francisco Brandão, em 1572 mostrava ter já considerado, quando na sua continuação da *Monarquia Lusitana* escrevia: «O Infante D. Henrique (...), principal autor das navegações e conquistas deste reino, como tão aplicado às matemáticas e náutica, na vila que fundou no Algarve, no lugar chamado *Terçanabal*, a que deu nome Vila do Infante, edificou a igreja de Santa Catarina, em particular, para que os mareantes, que ali morressem, fôsem enterrados no cemitério dela».

E todavia... em 1844, João Baptista da Silva Lopes, na 24.<sup>a</sup> das notas que apôs à publicação do texto, com a sua tradução portuguesa, da «Relação da derrota naval, façanhas, e sucessos dos cruzados que partiram do Escalda para a Terra Santa no ano de 1189, escrita em latim por um dos mesmos cruzados», dera a conhecer na íntegra o aludido documento: a carta que o seu amigo e colega Francisco Adolfo Varnhagen descobrira na Torre do Tombo, que ali se achava, em uma colecção de documentos ou papéis anexos ao testamento do Infante D. Henrique. Como a nota

em questão fôra suscitada pela nota que em latim o editor italiano pusera ao nome *Carphanabal* com que começava a enumeração, pelo cruzado, dos castelos de que os cristãos se haviam apoderado depois da tomada de Silves — («*Terçanabal, hodie Sagres, et est vicus ad caput Sancti Vincenti*») — Silva Lopes, reparando em que os ditos castelos «são mencionados na direcção de Oeste para Este», considerando as notas explicativas do editor, e abonando-se com as indagações pessoais suas e as informações de pessoas «que têm vivido e vivem por aquêles sítios» do Algarve, concluiu: «A semelhança de *Carphanabal* com *Terçanabal* nos induz a crer que esse castelo era no sítio em que o ínclito Infante D. Henrique fundou depois a sua célebre *Vila Nova do Infante* na Angra de Sagres; pois ainda que o erudito D. Francisco Manuel na Epanáfora 3.<sup>a</sup> pag. 314, diga que o nome de Terçanabal lhe fôra pôsto pelo Infante, e explique a sua origem e significação, não é contudo bem fundada a sua opinião, visto que na mesma carta em que êste magnânimo príncipe dá a espiritualidade dessa vila à Ordem de Cristo de que era Governador, feita aos 19 de Setembro de 1460, declara êle ter fundado esta sua vila *no outro cabo que antes do dito cabo de Sagres está aos que vêm do ponente para levante, que se chamava terça naball*». E acrescentava: «Desta carta se vê que já antes da fundação da vila existia o nome de *Terçanabal* dado ao cabo hoje chamado a *Ponta de Belixe*» (...).

Meio-século justo teve de passar-se antes que a elucidação trazida por Silva Lopes desse o fruto devido; pois foi só em 1894, por ocasião do 5.<sup>o</sup> centenário do nascimento do Infante, que appareceu o artigo capital do general Brito Rebêlo sôbre *A Vila do Infante* (em *O Ocidente* de 11 de Março), dando o golpe de graça na fantasmagoria...: é que Brito Rebêlo revelava um outro documento que descobrira — a carta régia de 26 de Outubro de 1443 — do qual se inferia, pela autorização só então pedida e concedida para a fundação da vila, que esta não fôra fundada nem em 1415, quando o Infante voltára da conquista de Seuta, nem em 1419, quando voltára do descêrco, mas sómente «passados alguns anos depois de Seuta ser tomada e El-Rei seu padre finado» (†-1433), conforme Duarte Pacheco escrevera no seu *Esmeraldo*. Brito Rebêlo, seguindo Silva Lopes, observava: «*Terça nabal* era o nome, já corrompido, do local onde o Infante fundou a sua vila, e não pode ser outra coisa senão o ponto que o cruzado, autor da *Relação* já citada, estropiou em *Carphanabal*, e naturalmente o *Portus Annibalis* de Pompónio Mela, que o coloca entre *Lacobriga* (Lagos, e o *Promontório Sacrum* (Cabo de S. Vicente). O final da palavra, contém, sem dúvida alguma) o nome do célebre general cartaginês...» Brito Rebêlo tão dócilmente seguia porém Silva Lopes que... caiu no mesmo êrro dêste, quanto à identificação de *Terçanabal*, escrevendo que parecia ser, segundo Silva Lopes, «a *Ponta de Belixe*, ou

o *pontal gordo*», — a inovação de Brito Rebêlo na matéria, pois Silva Lopes nunca falára do *Pontal Gordo*.

Definitivamente se encontrava agora liquidada a fantasia architectada, por via filológica, a partir do erro fundamental que se insinuara na versão de Góis: — a fundação da *Vila do Infante*, assim denominada pelo seu fundador, obedecera a um intuito piedoso e humanitário, nada tendo que ver com o início ou progresso científico da navegação e descobrimento da Guiné e da Índia; e fôra feita, segundo a mesma declaração do Infante, no cabo chamado *Terçanabal*, um cabo na região de Sagres, junto de uma angra com pôrto de desembarque, acima do qual edificara uma igreja com seu cemitério, para acudir, aos navegantes arribados, na vida e na morte.

A *tercena-arsenal*, o *observatório*, a *escôla náutica* e o próprio *palácio* evaporavam-se assim, naturalmente; e tanto mais quanto nada disso continuara em Sagres depois de defunto o Infante. Lagos fôra reconhecida como o centro da navegação henriquina no Algarve, a morada do Infante na sua Vila havia sido accidental, e, a par de Lagos, a Raposeira aparecia como sitio mais preferido...

A localização da Vila, ou seja a identificação do *Terçanabal* é que ficára incerta, optando uns pelo próprio *cabo de S. Vicente*, outros pela *ponta de Belixe*, outros pelo *pontal gordo* — ênfim, mais ou menos todos, por qualquer região promontória a poente de Sagres, — raros sendo os que, com

base na interpretação meramente do texto da carta infantista, se inclinavam para a *ponta* ou *cabo de Sagres*. Outros ainda, por um especioso *distinguo* figuraram-se a existência de duas vilas: uma, a *Vila do Infante*, fundada sôbre o *Terçanabal*, vaga região contígua ao *pontal gordo* e à *ponta de Belixe*; a outra, sôbre o actual cabo ou ponta de Sagres, a *Vila de Vila do Infante*, continuada pela actual *vila de Sagres*.

Encontrava-se a questão nêste pé, quando, em consequência de uma excursão accidental a Marrocos — (tendo visitado, além de Tânger que eu já conhecia, as principais cidades da zona espanhola: Ceuta, Tetuão, Xexuão, Arzila, Larache, Alcácer-Quibir, passando no mar por diante de Alcácer-Ceguer) — em Março-Abril de 1932, a minha atenção foi chamada para o Infante D. Henrique, seus feitos, sua vida, sua misteriosa psicologia. E, inevitavelmente, a questão de Sagres veio à tela da crítica... E, coincidindo o meu interesse com o de um amigo que me pedira certos esclarecimentos para um estudo que trazia entre mãos, o malgrado e ilustre Comandante Abel Fontoura da Costa, — o estudo circunstanciado que publicou no n.º 1 do *Arquivo Histórico da Marinha* (Lisboa, 1933): «*Vila do Infante*, antes *Terça nabal* e *Sagres* depois», — reunindo a documentação livresca essencial na matéria, resolvi ir ao Promontório Sacro estudar a questão *in loco*.

Devo dizer que da reflexão crítica sôbre o que lera, interpretando os textos com os dados da

experiência alheia — dos conhecedores da região, inclusive os humildes marítimos da minha localidade, que têm levado a vida a navegar, passando pelo Cabo de S. Vicente, — eu chegára logo à conclusão seguinte: a Vila do Infante e Sagres são duas povoações distintas com a diferença de... serem a mesmíssima coisa; esta povoação única foi sempre dispersa dentro da área de uma légua, e não foi em S. Vicente nem no Belixe, mas tendo como base a angra de Sagres própria dita, sobranceira à qual se edificou a fortaleza que a defende. A *Escola de Sagres*, o arsenal, etc., etc., continuavam a não passar da lenda fantasiada que Brito Rebêlo justicára.

O resultado da minha peregrinação fundamental consignei-o, além de em carta particular àquele meu eminente amigo, em uma série de oito artigos publicados num extinto *Diário do Algarve* (de 4 de Março a 18 de Abril de 1933), artigos corroborados, corrigidos e ampliados por 13 outros num também já extinto jornal, de Lisboa — *Diário Liberal* — (de 4 de Julho a 13 de Dezembro dêsse mesmo ano), e que, por sinal, determinaram controvérsia rija, mas pacífica e... civilizada naturalmente, com o eminente espírito crítico que é o Dr. Duarte Leite.

Resumindo o que então escrevi, direi o seguinte:

O Infante D. Henrique teria sabido, e, em suas porventura frequentes excursões pelo Promontório Sacro, teria mesmo, decerto, visto aquilo que

na sua referida carta consignou: o facto frequente da arribação forçada a Sagres; e, para acudir a essa gente desamparada de providências naquela região, determinara fundar ali uma vila. Assim, escolheu o cabo que se encontrava a poente da-quele onde a arribação forçada se fazia, e aí fundou uma vila fortificada e abastecida de água e mantimentos, edificando ao mesmo tempo, fora da vila, mas acima do pôrto de desembarque, uma igreja com cemitério anexo onde pudessem ser enterrados cristãmente os que, falecendo enquanto arribados, eram dantes lançados pelas barrocas e outras praias da desolada região. O cabo escolhido tinha já o nome de *Terçanabal*, e a esta sua vila do Terçanabal pusera êle próprio o nome de *Vila do Infante*.

Dada a natureza, situação e meteorologia da região do Promontório Sacro, — na qual se distinguem duas regiões promontórias, ou seja, dois cabos globais: Sagres e S. Vicente —, e dado o facto de em 2/3 do ano predominarem ali os ventos do quadrante entre N. e O., — as *nortadas* —, sucede que o grosso da arribação forçada se faz à região de Sagres e não à de S. Vicente. Então, (como hoje), quem dos lados do Mediterrâneo vinha para o Atlântico, ao chegar ao Promontório, era na região de Sagres (a primeira que se lhe deparava) que ficava retido pela nortada, e, só acidentalmente, se surpreendido pela nortada já dentro da grande *enseada de Belixe*, isto é, tendo podido dobrar a região promontória de Sagres, não

poderia já dobrar a de S. Vicente, é que iria acolher-se ao abrigo da terra alta, alcantilada, do *Pontal Gordo*, (que assim se chama a ponta que a região de S. Vicente, tripartida, faz dêsse lado oriental), ou à pequenina ponta, separada dela por uma quási inacessível praia minúscula, — a *ponta de Belixe* —, de área diminuta, escondida, a bem dizer, no recanto do vizinho pontal, e por isto excelente reduto para a defesa da enseada entre Sagres e S. Vicente, — tanto que lá se lhe construiu uma fortaleza, cujas ruínas subsistem... Para os ventos dos outros quadrantes, a arribação só raramente se vem a fazer em Sagres: quem, vindo do Atlântico, não pode montar S. Vicente por motivo do *levante* ou outro vento contrário, ou fica pairando ao abrigo da rocha alcantilada da *ponta do farol* (que é a extrema ocidental das três vicentinas), ou, se, conseguindo ter passado esta e ainda a seguinte — o *pontal dos corvos* — e mesmo o *pontal gordo*, não pode prosseguir e dobrar Sagres, então vem refugiar-se em qualquer das pontas que ericam a vasta enseada de Belixe até à *praia do Belixe Velho* ou até à *praia do Tonel* que é na base ocidental do istmo de Sagres. Di-lo assim não só a experiência dos eruditos, condensada nos roteiros, como o de Baldaque da Silva, mas ouvi-o da bôca de vários dos experimentados marítimos meus patrícios. Não era portanto esta gente, arribada mais raramente, e a outros sítios de preferência, que o Infante visara auxiliar, mas sim o grosso da arribação que se fazia (e faz) a Sa-

gres; porque, pela natureza das coisas, ali, na frase eloqüente e decisiva dum marítimo meu vizinho que mais de meio-século levou por ali a passar, «a enseada de Sagres é o único abrigo verdadeiro, e todos os outros são falsos», contra as nortadas que são «o pão-nosso» da região do Sacro Promontório, em  $\frac{2}{3}$ , mais ou menos, dos dias do ano...

Ora esta enseada ou angra de Sagres é a que fica entre os dois cabos que em Sagres se distinguem no que, globalmente, se chama *Cabo de Sagres*, por opposição ao global *Cabo de S. Vicente*, onde na realidade se contam três pontas distintas, como já disse, — a *ponta do farol*, o *pontal dos corvos*, o *pontal gordo* —, como em Sagres se distinguem duas: a *ponta da Atalaia* e a *ponta de Sagres*, entre as quais precisamente a angra fica, com sua larga praia de areia e seu pôrto acessível, — a *praia da mareta*, assim chamada pela grande mareta ou cisterna que ali havia, para a recolha das águas da chuva, naquela região tão escassa de água de poços e onde a que se depara é salobrenta...

Ora precisamente acima dêste «pôrto de desembarque», dos arribados de ontem ou de hoje, é que, do lado da ponta da Atalaia (que é a oriental) se encontravam ainda há um século, conforme o relata Silva Lopes, (na sua referida nota n.º 24), alicerces de «uma igreja que há tradição ser dedicada a Santa Catarina, cujo nome conserva ainda a terra em que se encontram estas ruínas», e «ainda no ano de 1839 se encontraram ali três ca-

veiras e mais alguns ossos humanos em uma excavação que se fez», — prova evidente do cemitério anexo à igreja —; e outras excavações posteriores, pelo cultivo da terra, arável, têm revelado restos semelhantes... «Alguns velhos (continuava Silva Lopes) dizem ter ouvido a seus avós que as pedras da portada desta igreja são algumas das que se acham no gargalo do poço que está em uma baixa entre as habitações do campo, a menos de um oitavo de légua da praça de Sagres. Na capela da fortaleza de Belixe existe uma imagem em vulto, de Santa Catarina; e diz-se que para ali fôra levada pelos marítimos, talvez quando se arruinasse a igreja da sua invocação». E Silva Lopes concluía: «Parece pois sem contradição, que aquelas ruínas e a imagem de Santa Catarina são da mesma igreja que o Infante, diz na sua carta, mandara edificar na dita vila» — ou, corrigindo o lapso de Silva Lopes, «fora da dita vila, acima do pôrto». conforme na carta se lê.

Ora — (e foi o que Silva Lopes não considerou) —, sendo portanto o Cabo de Sagres uma espécie de grande focinho hiante, entre cujas mandíbulas, a oriental — a ponta da Atalaia — e a ocidental — a ponta de Sagres ou actual cabo de Sagres em sentido restrito — se excava a angra com a praia da maretta, aquêles que ali arribam, unicamente os que vêm de leste, fazem-no, necessariamente, pousando a leste da ponta da Atalaia ou na bôca da angra, ou, se entrados nesta, vindo abrigar-se junto à rocha da ponta de Sagres.

Baldaque da Silva, condensando os ensinamentos da experiência, bem explícito é no seu «*Roteiro da Costa do Algarve*» (pag. 16): «E' na parte ocidental da enseada de Sagres o fundeadouro preferível, por ficar abrigado com a terra alta da margem, ainda que se possa fundear em qualquer ponto da enseada, tôda ela com bom fundo de areia. Os navios de vela não devem, porém, fundear para dentro da linha das pontas, porque na hipótese de saltar o vento para S. ficam ensacados sem poderem fazer-se de vela. Êstes navios devem fundear por fora e a E. da ponta da Atalaia, ou mesmo pelo S., onde encontram bom fundo de areia, e dessa posição podem fazer-se de vela em qualquer amura».

Em face de tudo isto, parecia-me óbvia a conclusão: o cabo de Sagres ao qual vinham pousar os navios que ali ficavam dias e dias, «por não acharem tempo de viagem», era para o Infante o cabo global de Sagres considerado do seu lado oriental, ou seja, a parte do cabo caracterizada pela ponta da Atalaia. Assim, quando, aludindo à fundação da vila noutra cabo de Sagres, quere definir a situação dêsse em relação ao primeiro, vê-se levado, naturalmente, a referir-se a êste com a expressão «o dito cabo de Sagres», do qual assim distingue «o outro cabo que antes do dito cabo de Sagres, está aos que vêm de poente para levante», ou seja, a ponta de Sagres (ou o actual cabo de Sagres em sentido corrente e restrito) que se chamava *Terçanabal*. Sôbre êste cabo fundara a

Vila, fortificando-a; e, dentro do seu recinto, a capela de Santa Maria (a que corresponderia a pequena casa romano-gótica que já Possolo encontrara, arruinada, a servir de cavaliça...) e, fora da vila, acima do pôrto de desembarque, a igreja de Santa Catarina com o seu cemitério. ¿Que outro cabo, em todo o Promontório Sacro, poderia coadunar-se com tudo isto? À falta de um cabo real, houve quem inventasse um cabo, fantástico, subvertido por qualquer convulsão sísmica, — hipótese que destruí, mostrando que a costa não variara sensivelmente, pelo menos desde então até hoje; e a «dualidade» figurada, mostrei também, à face da documentação e... do bom-senso, que não passava de uma obstinação especiosa.

Reparando, depois, na quasi identidade dos nomes *Terçanabal* e *Carphanabal*, acabei por lançar uma hipótese que hoje considero verificada: o nome que aparece escrito *Terçanabal* (em uma ou duas palavras, e com um *a* medial e um *l* final, a mais, noutras versões) bem poderia ter sido, pronunciado e escrito, *Tarf anabal*, copiado depois como se fôsse *Terçanabal*, por errada interpretação do *f* como *ç*, e do *a* como *e*. *Terfanabal* porém que fôsse, a sua identidade com o *Carphanabal* da «Relação» do Cruzado seria um facto, porquanto, no manuscrito de Milão, o Cav. Constâncio Gazzera, que o decifrou através do trabalho insano que confessa, teria lido erradamente *C* o inicial *T*, facilimo de confundir-se, — erro que se comprova pela leitura de outras palavras, como

*Porcimunt* (em vez de *Portimunt*). Assim, na «Relação» estaria *Tarphanabal*, ou talvez que (se não houve prosápia gráfica do Cruzado ou seu copista, traduzindo por *ph* o simples *f*), então: *Tarf Anabal*, mais explicitamente demonstrativo da etimologia: Cabo de Anibal, — designação, em árabe, do que já haveria sido recebido, aqui, da dominação visigoda ou directamente da romana à qual ficara de origem cartaginesa, visto encontrar-se envolvido nisso o nome do célebre general. Assim também, óbvia se oferecia agora a localização do incerto *Portus Annibalis*: o pôrto da angra de Sagres. Mais: o *Tarfanabal* fôra fortificado, e o seu castelo, conservado e importante para os moiros algarvios, havia sido um dos que caíra em poder dos cristãos após a conquista de Silves... Mais ou menos arruinado, teria, pois, com o nome, chegado até ao tempo do Infante que, edificando no mesmo sítio a base fortificada da sua *Vila*, alguns restos da arruinada construção haveria porventura incorporado na fortaleza...

Assim ficava resolvido o problema da localização da *Vila do Infante*, em face da documentação, da tradição e da realidade geográfica da costa e seu ambiente físico. Fontoura da Costa adoptou-a como a verdade que se impunha, e contra a qual apenas ficaram ainda rabujando a dualidade especiosa e a fantasiação do cabo subvertido, apesar de, cabal e irresponsavelmente, eu as ter eliminado... Outros eruditos, especialistas na matéria, me deram igualmente razão. E quanto à

ulterior interpretação do *Terçanabal* e do *Carphanabal* como o mesmo e único *Tarf Anabal*, devo declarar que tenho comigo o parecer do illustre arabista Prof. Ricardo Nikl, bem conhecido em Espanha, o qual, tendo-me uma tarde aparecido em Olhão, recomendado por um amigo, à procura de vestígios ou reminiscências árabes, e tendo-lhe eu, no decorrer da conversa, falado do caso do *Terçanabal* e exposto a questão e a solução que se me oferecera, não só me deu a honra de me ouvir com tóda a atenção, como me deu o gôsto de acabar por declarar que a minha interpretação era evidentemente exacta, e me aconselhou, para a comprovar irrefragavelmente, a mandar vir a fotografia do manuscrito milanês, conforme eu lhe significara que já tencionava. Efectivamente, pouco depois, escrevendo para Itália, fiz o respectivo pedido ao Dr. Rinaldo Caddeo com quem já tinha relações por motivo dos meus estudos colombinos; mas... meteu-se a entrada da Itália na guerra e... continuo naturalmente à espera das fotografias.

Em face de tudo isto pois, ¿ para onde é que fica, agora, a *Escola Náutica de Sagres*, como realidade material e pedagógica das navegações portuguesas infantistas e seu progresso?

Sabe-se hoje que Sagres nunca foi centro material ou pedagógico da actividade navegatória de D. Henrique. De Sagres é positivo não ter partido nenhuma das expedições marítimas conhe-

cidas; o pôrto de armamento era Lagos, quando não era Lisboa, e o de chegada igualmente Lagos ou a capital. Em Sagres desembarcou, é verdade, Cadamosto, da galé de Marco Zeno, arribada ali; e, quando muito, poderia a caravela que o Infante lhe fizera armar em Lagos tê-lo tomado ali a bordo — se é que da Raposeira, onde ficara hóspede do Infante, não fôra embarcar a Lagos. Em Sagres, ao certo, apenas o Infante embarcou: — para a expedição de Alcácer-Ceguer, na tarde de 3 de Outubro de 1458 em que D. Afonso V, vindo de Lisboa com a sua armada, o tomou ali a bordo, para Lagos onde foram pernoitar...

¿ Escola prática de navegação, com o auxiliar ensino teórico, ali em Sagres, sendo um mito filológico puro a célebre *Taracena* ou *tercena*, estaleiros, armazéns, etc.? ¿ E como, pois, o decantado *observatório astronómico*, seu lógico pressuposto?

E quanto a *palácio* do Infante... já vimos que, se morou na Vila, sem dali sair, os dois ou três derradeiros meses da sua vida (ou na modesta casa já referida, ou em qualquer compartimento da própria tórre da fortaleza), a sua assistência regular ou freqüente era em Lagos, ou na Raposeira, donde, veloz cavaleiro infatigável, acudia facilmente a Sagres, pela construção da sua Vila humanitária, ou a Lagos, pelo cuidado das empresas marítimas. Casa teria também em Lagos, vila que era sua, — em qualquer parte, se não no próprio *palácio dos governadores* cuja ruina subsiste.

O sitio preferido seria porém a Raposeira, a

meia distância entre Lagos e Sagres. Documentos o dão como «pousando» na Raposeira; e a Raposeira, onde estava veraneando, se foi Cadamosto avistar com ele, ficando ali seu hóspede.

J. Silvestre Ribeiro na sua já citada *História dos estabelecimentos*, etc., em 1871, bem consignava a tradição (Vol. I—pag. 465): «Em verdade, a Raposeira é uma freguesia vizinha de Sagres (...). Entre a aldeia da Raposeira e a da Figueira vêem-se umas paredes arruinadas e antigas, a que dão o nome de *Quinta*; e talvez fôsse esse o sitio onde passava algum tempo o Infante D. Henrique, e onde Cadamosto falou com elle».

No estudo especial que dediquei a «O Algarve e o Infante D. Henrique» (in *Boletim da Junta de Província do Algarve* n.º comemorativo dos Centenários da Fundação e Restauração de Portugal) tratei em pormenor este assunto das deambulações e estadias do Infante nos vários sitios algarvios, ilustrando o trabalho com fotografias inéditas dos lugares da Raposeira, por mim ou por meus companheiros tiradas, em várias peregrinações ali. Comprova-se assim que na aldeia própria da Raposeira existem umas casas que ainda hoje são conhecidas como *Paços do Infante*—pequeno prédio, com primeiro andar, moderno de aspecto, mas cuja janela ainda há alguns anos tinha ferros cruzados, e cuja escada exterior é de degraus de pedra inteiriça, desgastada, vetustísimos, tendo na parede da rua uma pedra saliente, furada, vetusta também, onde a tradição pretende

que o Infante prendia o cavalo... E sabe-se positivamente, por documentos, que em 1446, quando a *Vila do Infante* ainda não existia ou apenas começara, o Infante tinha no lugar da Raposeira «pousadas onde pousava»... Nestas pousadas estaria pois, quando, em Agosto de 1454, Antão Gonçalves, o secretário do Infante, com Patrício de Conti, consul de Veneza em Portugal (que também recebia pensão do Infante...) conduziram Cadamosto à sua presença; porém, sendo verão, mais provável aparece que a residência do Infante fôsse na *Quinta* referida—a chamada *Quinta de cima*, *Quinta da Raposeira* ou *Quinta da Senhora de Guadalupe* ou *de Agua-de-Lupe*) num alto em cujo sopé se encontrava e encontra ainda a ermida romano-gótica da Senhora deste nome. A referência de Cadamosto à «vila vizinha da Raposeira, na qual, por ser remota dos tumultos das gentes, e apta para a contemplação dos seus estudos, elle habitava muito de vontade» (conforme traduzo da conhecida edição das *Navigazioni*, pelo Dr. R. Caddeo), condiria efectivamente mais com a *Quinta* que com os *Paços* da aldeia...—embora já se tenha observado que tais palavras seriam uma amplificação retórica do operoso Ramúcio, pois nas anteriores edições de Cadamosto tal não se encontraria, e, de facto, o texto da 2.ª edição (1508) que tenho diante, na reprodução facsimilada da Princeton University, não diz nada mais do que isto: «esserui alloggiato el praefato Signor infante Don henrich in una villa li conuicina chia-

mata Reposera». Em todo o caso, na Quinta referida, segundo a informação que me deu, *in loco*, o actual proprietário do prédio novo que lá se ergue, a habitação arruinada que lá estava tinha «arcos à romana» (sic), como os da ermida próxima e como os da casa antiga que em continuação do prédio novo lá ficou. (As fotografias que reproduzo do meu citado trabalho, servirão a dar cabal idéia do que lá encontrei.). Religioso profundamente como era, amante da solidão saudável, — não reputo improvável que, pelo menos durante o verão, essa quinta, sua ou de algum reguengueiro, com a ermida próxima para as suas necessidades espirituais, fôsse a residência preferida do Infante, e que portanto nêsse Agosto de 1454 fôsse ali que Cadamosto o encontrou.

A «Escola de Sagres», no sentido em que se tem, *in extremis*, pretendido salvar a sua existência, — de mera expressão a designar a actividade científica, teórica e prática, relacionada com as navegações tendo por centro de propulsão e de convívio a figura do «solitário de Sagres», — essa *escola*, melhor chamada *do Infante*, teria sido... em tôda a parte onde tivesse tido o seu centro e... a sua periferia também.

Mas esta nova acepção possível do derrancado mito está muito longe ainda de ter tomado o glorioso corpo que se pretenderia vestir-lhe: porque envolve o magno problema do início da navegação científica — designadamente: astronómica —

em Portugal, — questão grandemente controversa ainda, apesar dos esforços de investigadores tão ilustres, em erudição e sagacidade, como foram os malogrados professores Dr. Luciano Pereira da Silva e Comandante Abel Fontoura da Costa e como o são na actualidade Joaquim Bensaude, António Barbosa, Jaime Cortesão, Armando Cortesão; — do que são testemunho recentíssimo os artigos, antípodas, dêstes últimos dias (*in Seara Nova*, n.ºs 892 e 893, de 16 e 23 do corrente Setembro): devidos à «rigidez geométrica» do «minucioso critério» do eminente Dr. Duarte Leite e ao saber «de experiências feito» do glorioso Almirante Gago Coutinho.

Olhão (Algarve), 27 de Setembro de 1944.

P. S. — A comunicação apresentada ao Congresso ia acompanhada de dois esquemas corográficos da região do Promontório Sacro e ilustrada por uma série — (dúzia e meia) — de fotografias dos varios cabos e pontas de S. Vicente, Belixe e Sagres, bem como dos lugares henriquinos de Sagres, Raposeira e Lagos. Em anexo ainda a carta do Infante D. Henrique, de 19 de Setembro de 1460, em que declara as razões por que mandára fazer a sua Vila e onde. (Esta carta reproduzira-a da versão dada pelo Dr Vitorino Magalhães Godinho no vol. I *dos Documentos sobre a expansão portuguesa*, de recente publicação).

## RESUMO

A *Escola de Sagres*, por muito tempo considerada como uma realidade com pleno sentido, não passa hoje de pura fastasmagoria histórica, servindo, quando muito, a designar metafòricamente o conjunto da actividade marítima portuguesa tendo por centro a figura do Infante D. Henrique.

O autor mostra como, por virtude duma errada interpretação da palavra *Terçanabal*, combinada com outro erro de interpretação dos vestígios de construções na área do Promontório Sacro, se engendrou a noção da dita Escola.

Interpretando os documentos e os referidos vestígios com os elementos recolhidos em várias peregrinações pessoais aos lugares de tradição henriquina do dito Promontório, e fazendo intervir considerações de ordem geográfica e meteorológica próprias do condicionalismo físico da região, o autor foi levado às conclusões seguintes:

1.<sup>a</sup> — Não foi em nenhuma das três pontas do Cabo de S. Vicente que o infante poderia ter fundado a sua Vila, para acudir à navegação, que, pelas nortadas, arribava forçadamente a Sagres.

2.<sup>a</sup> — A dita Vila, fundada no cabo que o próprio Infante declara chamar-se *Terçanabal*, só o poderia portanto ter sido em Sagres, e num cabo adjacente a um pôrto de desembarque, acima do qual fez edificar uma igreja com

seu cemitério, ou seja, na actual Ponta ou Cabo de Sagres, junto à angra com sua praia de areia.

3.<sup>a</sup> — O nome *Terçanabal* (que também aparece sob a forma *Carphanabal*) não passa de ser, segundo a interpretação do autor, a mera deturpação, oral ou escrita, de *Terfanabal* ou *Tarfanabal*, manifesta designação árabe — *Tarf Anabal* — do cabo a que a tradição romana ou cartaginesa teria ligado o nome de *Anibal*, — interpretação que o autor teve a honra e o gosto de ver confirmada pelo ilustre arabista Dr. Ricardo Nikl.

4.<sup>a</sup> — Conseqüentemente se afigura ao autor que o tão procurado *Portus Annibalis*, indevidamente localizado em Portimão, teria sido o da referida angra de Sagres.

5.<sup>a</sup> — Não sendo improvável que, ou na fortaleza, ou numa pequena casa a que a tradição se ligou, o Infante tivesse residência accidental em Sagres, na sua Vila em construção, é positivo todavia que, salvo nos últimos meses da sua vida em que, solitário, se recolheu à sua Vila onde faleceu, teve o Infante assistência freqüente e efectiva em Lagos, vila que era sua e pôrto de armamento e de chegada dos seus navios, e na Raposeira, quer na aldeia (onde se aponta ainda uma casa modesta, como *Os Paços do Infante*), quer junto à ermida próxima, da Sr.<sup>a</sup> de Guadalupe, no alto duma quinta onde ainda se vêem restos de habitação com arcos góticos simples — sítio lavado e de bons ares, onde passaria o verão e onde Cadamosto o teria indo encontrar e ficado seu hóspede...

O autor ilustra o seu trabalho com a reprodução de fotografias desses lugares, que pela primeira vez publicou no seu estudo *O Algarve e o Infante D. Henrique* (v. Boletim da Junta de Província do Algarve, número comemorativo dos Centenários, 1940).